

## METODOLOGIAS ATIVAS: EMPATIA, HUMILDADE E PROTAGONISMO NA SALA DE AULA EM TEMPOS DE DOCÊNCIA ONLINE

*ACTIVE METHODOLOGIES: EMPATHY, HUMILITY AND PROTAGONISM IN THE CLASSROOM IN TEACHING TIMES ONLINE*

- **Ana Lucia Guimarães** (UNISUAM – [profanaluciaguimaraes@gmail.com](mailto:profanaluciaguimaraes@gmail.com))

### Resumo:

Este artigo apresenta a perspectiva de entender o papel do Professor tutor na Sala de aula virtual, suas habilidades, valores e desafios que colaboram para a organização e definição do uso de metodologias ativas na educação, sobretudo na sala de aula virtual. Realizamos pesquisa-ação com cento e vinte docentes em formação continuada e aplicamos questionário ao longo da mesma para compreender sua percepção acerca dos conceitos de empatia, humildade e protagonismo como fundamentais para a prática de metodologias ativas e tecnologias digitais em sala de aula, presencial, híbrida ou virtual.

**Palavras-chave:** metodologias ativas, docência online, tecnologias digitais

### Abstract:

This article presents the perspective of understanding the role of the tutor in the virtual classroom, its abilities, values and challenges that contribute to the organization and definition of the use of active methodologies in education, especially in the virtual classroom. We conducted action research with one hundred and twenty teachers in continuous training and applied a questionnaire throughout the same to understand their perception about the concepts of empathy, humility and protagonism as fundamental for the practice of active methodologies and digital technologies in the classroom, hybrid or virtual.

**Keywords:** active methodologies, online teaching, digital technologies

## 1. Introdução

Após conceituarmos e debatermos o conceito de metodologias ativas e suas dimensões e impactos na Educação como um todo, trataremos de abordar definições sobre docência Online, atuação do Professor e suas principais necessidades de atitudes e comportamentos que o fazem produzir resultados mais eficazes no projeto de ensinar e aprender com o uso de tecnologias digitais o aluno em contextos atuais.

Analisaremos também a percepção de 120 docentes que realizaram formação continuada para atuar com metodologias ativas e tecnologias digitais quanto aos conceitos e valores da empatia, humildade e protagonismo e sua relação de importância para esta aprendizagem e atuação no âmbito educacional, seja em sala de aula presencial, híbrida, seja em sala de aula virtual.

Assim, este trabalho tem como questão principal entender como os valores de empatia, humildade e protagonismo colaboram para uma prática inovadora em sala de aula com metodologias ativas. Trata-se de evidenciar a importância de tais valores e a mudança de atitude do professor para que inicie uma lógica de trabalho que considera a dinâmica e a criatividade do uso de novas estratégias de ensinar e aprender em contextos presenciais e virtuais.

### Estratégias metodológicas

Optamos pela abordagem de pesquisa qualitativa, por oferecer o caráter exploratório, o que permite, entrar no campo investigado e observar os acontecimentos de forma proximal. Nesse sentido, Minayo (1995) fundamenta que a pesquisa qualitativa visa responder questões muito particulares, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Para a construção de nosso trabalho, foi fundamental entender que sem a pesquisa e o estudo de autores e a releitura de trabalhos desenvolvidos neste campo, não teríamos conseguido desenhar esta abordagem.

Assim, partimos de um revisionismo bibliográfico e aplicamos questionário com 120 docentes, sendo 40 em cada grupo, para entender o que pensam sobre os conceitos de empatia, humildade e protagonismo para o processo de aprendizagem. A chamada pesquisa ação é um grande divisor de águas para o entendimento de como e porque professores e educadores tem atuado com seus valores, competências e estratégias de ensinar e aprender em suas salas de aula. Para Thiollent (1987) a pesquisa ação colabora para transformar a realidade investigada porque está centrada na questão do agir, conta com a participação dos interessados. Sobre a aplicação dos questionários, buscamos apoio metodológico em Marconi e Lakatos (1999) sustentando que o questionário é um instrumento desenvolvido cientificamente, composto de um conjunto de perguntas ordenadas de acordo com um critério predeterminado, e que tem por objetivo coletar dados de um grupo de pessoas.

## 4. Conhecendo sobre Metodologias Ativas

Moran (2015) ao desenvolver produção referente a ideia de Metodologias ativas, nos mostra que estas emergem como uma forma das Instituições de Ensino manterem o modelo curricular dominante, porém focarem suas atuações, suas formas de alcançar a aprendizagem no aluno a partir do grau de envolvimento dele no projeto de ensinar com novas estratégias e dinâmicas em sala de aula. O autor chama a atenção que esta iniciativa se prende a própria mudança posta na sociedade, que apoiada cada vez mais nas tecnologias da informação e comunicação, demandam sujeitos sociais mais capazes de lidar com as solicitações desta nova realidade social. A educação formal, em seu olhar, precisa preparar o sujeito para enfrentar desafios que apontem para projetos de vida e de convivência social.

Segundo o autor, o aprendizado de forma competente para a dinâmica referida acima, não está situado em modelos de ensinar e aprender das escolas padronizadas, pois estas sempre exigem do aluno resultados previsíveis com avaliações igualitárias para todos. Portanto, é preciso situar o aluno em seu tempo, o de uma sociedade que funda-se no conhecimento, buscando o desenvolvimento de competências cognitivas, pessoais e sociais.

Dessa forma, Moran (2015) está nos evidenciando que os métodos tradicionais que praticam uma realidade de ensinar baseada na transmissão de informações não estão mais atendendo ao novo perfil do aluno, seja na sala de aula presencial, seja na sala de aula virtual. Por isso, ele desenvolve o conceito de metodologias ativas para inferir que é preciso que educadores e docentes possam dinamizar e criar novas possibilidades de ensinar e aprender a partir da introdução de ferramentas e componentes digitais em seus métodos de construção de conhecimentos em sala de aula. Tal perspectiva, apresentada pelo autor,

indica que é fundamental a partir do conhecimento e uso de tecnologias digitais adaptadas, o docente ter como forma de ensinar propostas que envolvam a criação de desafios, atividades e jogos, que incentivem o pensamento para resultados, a proatividade, a definição de percursos pessoais, a interação colaborativa.

Com isso, o conceito e a prática no contexto educacional inovador, na contemporaneidade, é a concepção de atuar, ensinar, orientar com metodologias ativas.

Em Bastos (2006) metodologias ativas são definidas como processos interativos de conhecimento, estudos, pesquisas individuais ou coletivos que voltam-se para solucionar problemas. Conduzindo-nos a acreditar em uma educação que desafia a pensar soluções.

Mitri et al. (2008) apontam que a problematização nas metodologias ativas é a grande estratégia para motivar o aluno, já que o põe a refletir, pensar, ressignificar descobertas.

Nesse sentido, metodologias ativas significam redirecionamento de posturas, estratégias, formas de pensar, de avaliar, de organizar e planejar a aprendizagem nas salas de aula presenciais e virtuais. Trata-se de encantar, envolver, dinamizar, desafiar, criar, protagonizar a forma de ensinar e aprender. É todo um movimento de transformação, mudança e adaptação nas rotinas escolares de trabalhar a construção dos saberes com olhar nos pilares da educação do século XXI: aprender a conhecer, aprender a conviver, aprender a ser e aprender a fazer. Ideias presentes no pensamento de Delors (2010), quando nos fala sobre a ideia de que a educação deve se dar ao longo de toda a vida, que nesta direção remete ao princípio de que tudo pode ser oportunidade de aprender e de desenvolver talentos. Um verdadeiro convite a reciclagem, reaprendizagem e formação continuada por parte de educadores e sujeitos sociais.

Quando indica o aprender a conhecer, o autor, menciona a ideia de que precisamos estar entendendo, sabendo, estudando em profundidade os assuntos da atualidade e das perspectivas histórico culturais que colaboram para a geração de novas oportunidades de inserção social. No aprender a conviver, o autor destaca a ideia de inter-relação, o olhar do outro e com o outro, a colaboração, a perspectiva de saber interagir e considerar o outro para a ação. Em aprender a ser, vemos que é suscitado ação no mundo social com responsabilidade, autonomia e discernimento. O indivíduo que é considerado em todas as suas possibilidades de atuar no social. Finalmente, Delors (2010) traz também a visão de que temos que trabalhar em equipe e de fato, construir atuando no social, novas respostas ou revendo respostas antigas para novos e velhos desafios. Para tanto a referência nesta trajetória é formulada com os ensinamentos de Dewey ( ) que fala da aprendizagem ocorrendo com base na ação, isto é, projetos bons exigem variedades de respostas.

De acordo com Silva (2004) a aprendizagem deve ser pessoal e intransferível e cada um de nós possui uma possibilidade de construir seus próprios conhecimentos. Em sua visão, a ideia de preparar o aluno para ser autônomo é uma proposta que deve ser levada em conta para a definição do perfil do aluno que buscamos. Esta autonomia liberta o aluno da dependência do professor e faz com que ele busque mais conhecer por sua própria iniciativa. Nesse caso, o autor mostra em sua análise do componente saber fazer que é preciso autenticidade, motivação, aceitação do outro e empatia. Pontos fortes para que o aluno aproveite bem essa modalidade de ensino. O aluno passa a ser sujeito de sua própria aprendizagem.

A partir dessas orientações, podemos pensar que a construção de metodologias ativas é uma realidade e não um modismo na educação atual. Sendo assim, trabalhar de forma a considerar as ferramentas digitais, a interface entre educação presencial e virtual na aprendizagem, o chamado Ensino *Blended*, híbrido, no caminho de uma educação em movimento, conforme a mesma velocidade das trocas comunicacionais e informacionais que a sociedade do conhecimento nos traz. Situar neste universo alunos e docentes é o grande desafio do trabalho na educação. Metodologias ativas, então, significam estratégias, formas de aprender mediadas pelas tecnologias digitais, potencializando com agilidade a construção e o recorte de conhecimentos, construtos teóricos e práticos. Um verdadeiro estímulo ao aluno de aplicar na prática o conhecimento adquirido.

Enfim, a partir desta definição, surgem as diferentes criações docentes para atender esta perspectiva, como a *Flipped classroom*, que segundo Rocha (2014), surgiu a a partir dos anos 60 e tem como base o aprender partindo da resolução de problemas. O aluno desenvolve o pensar-fazer pelo desenvolvimento de soluções. A PBL (Aprendizagem baseada em problemas), para o autor, consiste em um método que apresenta a possibilidade de disponibilizar materiais, como textos, vídeos e outros conteúdos, previamente aos alunos para que se apropriem dos saberes a serem aplicados em sala individualmente ou com os colegas. Sempre com a ideia de protagonismo e facilitação do professor.

De qualquer forma, não se pode falar em atualizar as metodologias educacionais, se não debatermos os valores, competências, atitudes e comportamentos docentes que colaboram para que tais fundamentos possam se construir.

### 3. Atuação docente em contextos presenciais e virtuais: configurações de valores e atitudes

Consideramos importante marcar os valores e competências que se sobressaem quando trabalhamos colaborando para a formação de professores que vão atuar em salas de aula virtual, no sentido de apresentar e desenvolver com eles não somente as possibilidades de organização, planejamento e construção de aulas com as metodologias ativas, mas sobretudo, a ideia de que é preciso estar atendo às novas diretrizes do professor híbrido. Este que chamamos assim por considerar que ele tem competências e habilidades para estar em ambas as salas de aula, a presencial e a virtual.

Prado (2013) considera que uma configuração para ensinar mais adequada é aquela que leva os estudantes ao desenvolvimento de competências para o enfrentamento dos atributos da sociedade atual, tais como a ênfase na autonomia do aluno na busca de novas compreensões, agindo de forma criativa e colaborativa.

Silva (2000), apresenta que a docência *online* é uma pedagogia comunicacional interativa fundamentada nos princípios da educação *online*, que se materializa através do conjunto de ações de ensino-aprendizagem realizadas pelos agentes envolvidos na prática educativa por meio telemáticos, e que tem como pressupostos a participação-intervenção, a bidirecionalidade-hibridação e permutabilidade.

Imagine que um professor que atua em sala de aula presencial e passa a atuar em Educação a distância precisa conhecer como encontrará apoio na equipe multidisciplinar que

colabora para a aprendizagem ocorrer por exemplo. Mill (2010) nos mostra que a ideia da polidocência é evidenciar uma organização de pessoas que ao desenvolverem múltiplos papéis na construção de saberes e práticas pedagógicas que podem assessorar o trabalho do professor para que a aprendizagem significativa ocorra junto a seus alunos. Ele define que trata-se de uma equipe de assessores, educadores, que podem mobilizar os saberes do professor, com isto, organizar os saberes, conteúdos, métodos e materiais para o acompanhamento da aprendizagem. O que em sua discussão, do autor, pode mesmo gerar conflitos na medida em que um professor acostumado ao dia a dia das aulas presenciais, nas quais toma e organiza estas práticas, mais individualmente, pode se ver tendo que contar com a colaboração desta equipe para promover sua prática docente no ambiente virtual.

Ao abordar o conceito de polidocência, Mill (2010) nos remete a ideia de uma equipe multidisciplinar na EaD que atua em sinergia e sintonia para a aprendizagem acontecer junto aos estudantes. Sobre esta equipe vemos que o autor mostra que o saber que era antes desenvolvido e concentrado em um único profissional, agora está segmentado e distribuído para outros que somam e agregam valor e funcionalidade ao processo de construção de novos saberes educacionais. Conforme nos mostra Silva (2000), o professor passa de pólo transmissor a agente provocador de situações, arquiteto de percursos, mobilizador da inteligência coletiva.

Dialogando com estas ideias ainda, encontramos em Chaquime & Mill (2012) que o fato da docência na EaD ser compartilhada por um coletivo de profissionais implica que os saberes técnicos e pedagógicos necessários ao trabalho docente sejam distribuídos aos diferentes membros desse grupo, responsabilizando cada um quanto a construção e desenvolvimento de um corpo de conhecimentos que colaboram para a aprendizagem como um todo.

O professor que deseja atuar nesta direção precisa conhecer e aprender a trabalhar junto. Deve construir o conhecimento de forma multilateral, através da interatividade com os alunos; o aprender a utilizar novas tecnologias que irão valorizar ainda mais a sua experiência profissional; finalmente, a compreensão de que a docência *online* oxigena a prática da docência presencial.

Com isto, ganha relevo a necessidade e importância do respeito e entendimento do conceito de polidocência trazido por Mill (2010). Mas, não menos importante é a capacidade do docente de ser muitos sem deixar de ser ele mesmo.

Trata-se assim de compreender que o professor atuante em sala de aula presencial além de dominar os conteúdos e possuir conhecimento de dinâmicas, metodologias e estratégias pedagógicas para a troca de saberes, precisa entender que em contextos de sociedade do conhecimento irá atuar também, possivelmente, com educação a distância, docência online, sala de aula virtual.

Por isso, precisa ser humilde para aprender, protagonista para desbravar e empático para ver a necessidade do outro no processo dialógico educacional.

#### **4. Prática docente: empatia, humildade e protagonismo na Sala de Aula**

Todas as discussões apresentadas aqui são resultado de observações e vivências no trabalho com formação continuada de professores e tutores que atuam na Sala de Aula

virtual. Com isto, é possível identificar como se faz necessário sinalizar o desafio para a utilização destas metodologias em ambiente virtual de aprendizagem.

Em nossa pesquisa, trabalhamos com três salas de aula em formação continuada para um grupo de docentes da Educação Superior no Rio de Janeiro, com foco na aprendizagem de metodologias ativas para atuação em sala de aula virtual. Essa experiência permitiu constatar que os docentes apresentam incertezas para o uso das tecnologias digitais em suas aulas híbridas, mas também possuem dificuldades de conhecimento da plataforma digital disponibilizada pela Instituição para a construção destas aulas.

Um primeiro conceito que destacamos como um dos principais na atuação daqueles docentes vem a ser o de empatia, porque entendemos esta como a potencialização das capacidades de sentir e agir, tão necessárias na educação.

Para Basi (2016), a empatia nos ajuda a viver melhor, valorizando as diferentes e específicas, únicas, contribuições que cada um pode trazer a aprendizagem coletiva.

Olmos (2016) ao estudar esse conceito, nos lembra a importância do vínculo de um com o outro para a vida social. Para ela, são os grupos sociais, a família e a escola, responsáveis pela socialização primária dos indivíduos que desenvolvem ou não a empatia nos sujeitos sociais. Em seu olhar, a cultura familiar pode ou não favorecer este processo, construindo ou reforçando a empatia ou o desprezo por alguém. Aponta ainda, que a empatia o que parece ser desconhecido não se apresenta assim, pois ocorre o reconhecimento de nós mesmos no outro. Ao se colocar no lugar do outro, vemos também suas potencialidades e limitações e que podem espelhar ou revelar também as nossas.

Para Cuperttino (2016), a empatia não se traduz em uma compreensão racional do lugar do outro, já que envolve uma conexão vinculada ao componente emocional e pessoal. Entender o outro é estar aberto a possibilidade de levar em conta o que ele pode oferecer para a construção da relação social.

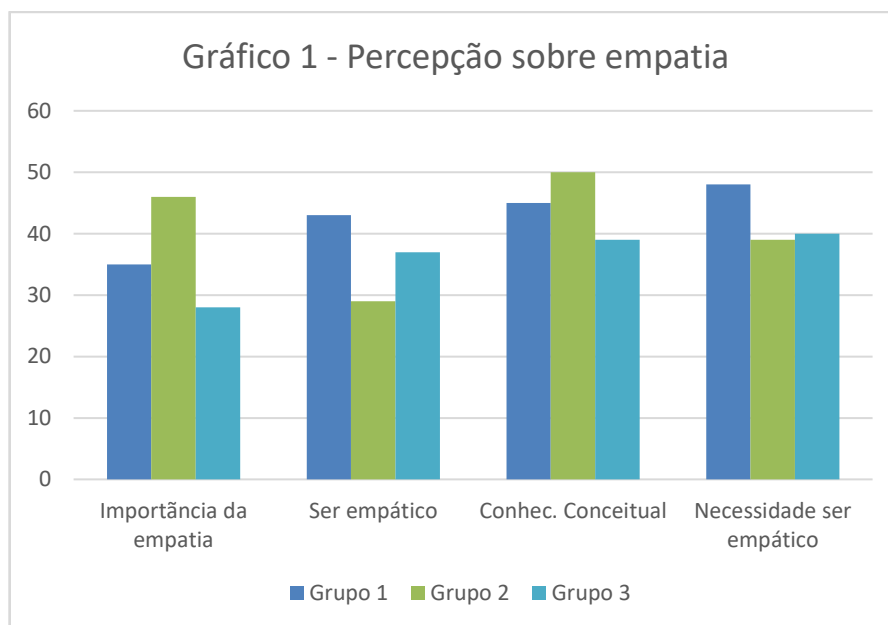
Costa (2016) indica a necessidade de entender que a educação deve ser vista como um processo-chave para o desenvolvimento de sujeitos autônomos, responsáveis consigo mesmos e com os outros e comprometidos com a construção de uma sociedade democrática, por isso, é preciso ter um tratamento especial e intencional no que se refere às relações que se estabelecem entre as pessoas, entre as pessoas e as instituições educativas, entre as instituições educativas e o local, entre o local e o global.

A partir das análises dos autores acima mencionados, podemos ver o valor da empatia para o professor que atuará na docência Online tendo em vista que esta dialogia do reconhecimento dos nós no outro e do outro em nós mesmos é um fundamento antropológico que diz muito para uma aprendizagem significativa em contextos virtuais, nos quais os alunos encontram-se distanciados física e espacialmente de seu facilitador. Portanto, o professor deve pautar-se para o desenvolvimento e consolidação desse valor em suas relações educacionais. Em nossas análises, identificamos com os professores envolvidos na formação continuada duas perspectivas diferentes para cada grupo de 40 professores. Trabalhamos com aplicação de um questionário que solicitava aos docentes que respondessem sobre sua percepção e entendimento quanto ao conceito de empatia para uma aprendizagem significativa mediante o uso das metodologias ativas com tecnologias digitais e em ambientes virtuais de aprendizagem. As perguntas eram: Você conhece o conceito de empatia (conhecimento conceitual); Você se acha uma pessoa empática (ser empático); Você considera importante o conceito de empatia para a aprendizagem com

tecnologias digitais e em ambiente virtual (importância da empatia); Você entende sobre a necessidade de ser empático para o processo de aprendizagem com tecnologias digitais e em ambiente virtual (necessidade ser empático)

Conforme o gráfico abaixo, observamos que os grupos apresentaram diferentes olhares sobre o conceito. O grupo 1, em sua maioria, por exemplo, considera que conhece bem o conceito, em torno de 45%. Sobre ser necessário desenvolver este valor para uma aprendizagem mais eficaz, cerca de 48%, no entanto, apresenta um percentual menor, 42%, de identificação como sendo uma pessoa empática e também, 35% apenas, demonstram a importância da empatia no processo de ensinar e aprender.

No grupo 2, temos os seguintes dados: 50% dizem conhecer o conceito, 38% dizem entender a necessidade do mesmo em suas práticas para efetivar a aprendizagem, 29%, acredita ser empático e cerca de 47% enxerga a importância do conceito para o processo de ensinar e aprender em contextos de educação online.



Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Já o grupo 3, demonstrou que 38% conheciam o conceito, 40% viam a necessidade de ser empático, 37% acreditavam ser empáticos e apenas 28% achavam que era importante este conceito para efetivar a aprendizagem.

Tais resultados, nos mostram que de 120 docentes, que passaram pela formação continuada para aprender metodologias ativas com tecnologias digitais, entender mais sobre o ensino híbrido e online, como possibilidades de novas atuações no cenário educacional da atualidade, temos 84 docentes que dizem saber o que é empatia, 51 que veem a necessidade de ser empático no processo de ensinar e aprender, 44 pensam ser pessoas empáticas e 44 também consideram a empatia importante para fazer um bom trabalho com metodologias ativas e tecnologias digitais. Os números revelam contradições

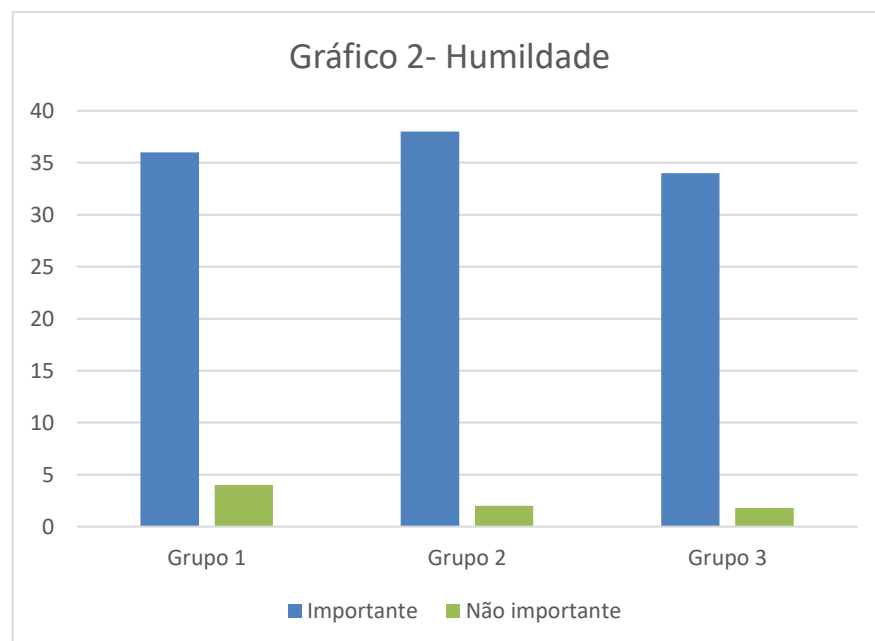
porque se os docentes conhecem o conceito deveriam entender o valor que possui para uma aprendizagem mais repleta de alcance com a realidade envolvida, a do aluno.

Sobre o valor da humildade, Owens e Herkman (2012), procuram esclarecer que ela pode ser definida como sendo uma virtude inata, ou um traço da personalidade estável, em detrimento de outros comportamentos que uma liderança pode desenvolver. Isto significa que os autores, assumem a ideia de que nascemos com este valor, pois ele inclui várias facetas e tendências comportamentais, segundo eles.

Para Emmons (2009), pessoas humildes não estão centradas em seu ego, não desejam se destacar em multidões pois preferem avaliar com mais precisão as habilidades e características pessoais dos outros. Morris (2005) define que ser humilde é possuir auto consciência, abertura para novas ideias e possibilidade de transcendência.

Dessa forma, não é muito difícil perceber que em educação a humildade é um valor que facilita, envolve e concretiza a aquisição de saberes e a reconstrução de atitudes favoráveis a aprendizagem.

Com estas definições, partimos para entender se o conceito de humildade consistia em um valor importante ou não para os docentes e sua perspectiva de redefinição, disponibilidade para aprender, em relação a sua atuação como docente com uso de metodologias ativas e tecnologias digitais, vimos assim, que dos 120 docentes perguntados sobre valoração do conceito de humildade neste processo, encontramos apenas, divergência com 12 docentes que disseram que só pensam em ser ou se colocar como humildes na situação de ensinar e aprender se perceberem que o aluno ou o colega que aparece na relação de troca educacional estiver nesta posição. Percebemos para estes, que o conceito é algo móvel e relacional e não uma condição necessária e dada para mudança de atitude, aprendizagem de novas concepções de trabalho.



Fontes: Dados da pesquisa, 2016.



A ideia do conceito de humildade como relacional, nos aponta que alguns poucos docentes podem estar ainda resistentes a identificar possibilidades na direção de trabalho com educação Online e novas estratégias de ensinar e aprender. Mas nos deixa mais próximos do que acreditamos que é a ideia do aprender a ser humilde, uma construção social da humildade para fins de apreensão de saberes e reconquista de espaços sociais.

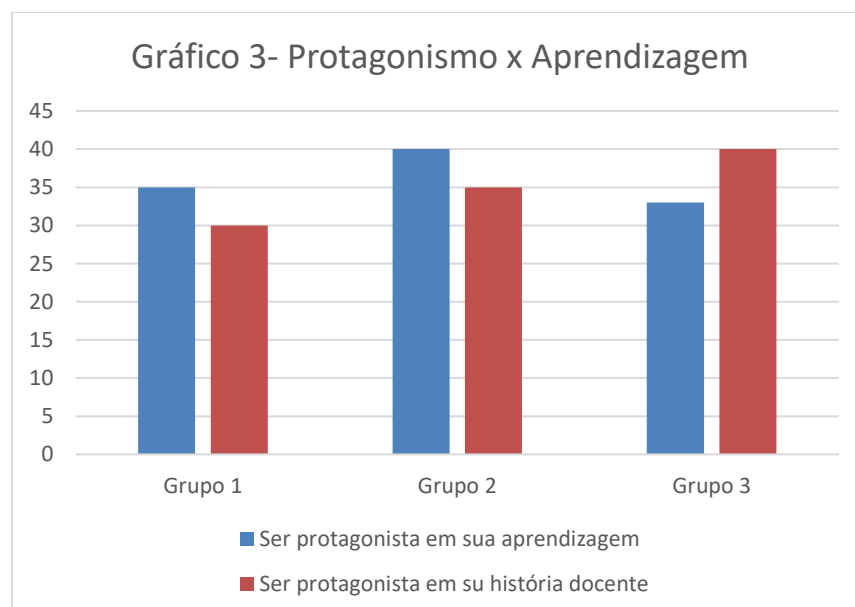
A respeito do protagonismo, outro conceito que consideramos ser decisivo na aprendizagem para o trabalho com metodologias ativas e tecnologias digitais, podemos inferir que proatividade e o desejo de estar à frente do processo de ensinar e aprender são diferenciais para ser protagonista neste caminho. É poder construir uma prática de ensino fundada na construção de princípios para experimentar, debater, desconstruir para reconstruir. Nesse caso, o docente precisa assumir-se como o autor da mudança que pode conduzir ao sucesso na aprendizagem.

Sobre este conceito, vemos em Onasayo (2008) que a Escola e os/as educadores/as cumprem um papel protagonista na construção da pluralidade cultural no processo educacional.

Para Moura (2002), considerar os professores como sujeitos/protagonistas das práticas escolares, é identificar o professor como alguém que pensa e age no mundo, a partir de seus sentimentos, do que faz e do que deseja como pessoa e, por isso, como alguém que possui um saber.

As ideias de Sales (2009) mostram que devemos pensar o professor como protagonista do seu processo formativo e praticar a compreensão de que cada um tem sua própria identidade, articulada a outras identidades – docentes e discentes –, resultando em processo de ensino e aprendizagens que, em sua essência, são distintos para cada personagem.

Com relação a análise sobre ser ou não protagonista de seu processo de aprender e de ensinar e de sua história enquanto docente, recolhemos os seguintes resultados em nossa amostra:



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Vemos então que de 120 docentes investigados, 108 docentes informam considerar-se protagonistas em sua aprendizagem e 105 informam serem também protagonistas em sua história docente. Tais resultados indicam que sobre a percepção de que precisam tomar a atitude para a transformação de suas metodologias, formas e estratégias de trabalho em sala de aula presencial ou virtual é uma realidade, uma vez que entendem estar contribuindo e buscando uma qualificação para esta atuação.

## 5. Considerações finais

Esse recorte de análise sobre docentes e formação para atuação com metodologias ativas e tecnologias digitais pode contribuir novas possibilidades de entendimento sobre valores, conceitos e orientações que podem significar novas posturas e atitudes docentes frente às iniciativas de configurações das estratégias de ensinar e aprender com metodologias ativas e tecnologias digitais em salas de aulas presenciais, híbridas, ou virtuais, online.

## 6. Referências

BASSI, Flávio. Introdução: a potência e a alegria de agir. In: A Importância da empatia na Educação. Disponível em [http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO\\_EMPATIA\\_v6\\_dupla.pdf](http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO_EMPATIA_v6_dupla.pdf) Acesso em 04 de março de 2018.

BASTOS, C. C. Metodologias ativas. 2006. Disponível em: <http://educacaoemedicina.blogspot.com.br/2006/02/metodologias-ativas.html> . Acesso em 25 de fevereiro de 2018.

CHAQUIME, Luciane Penteado & MILL, Daniel. A prática pedagógica na educação a distância e as transformações na docência. In: SIED, ANPED, 2014.

COSTA, Natacha. Educação e empatia: caminhos para a transformação social. In: A Importância da empatia na Educação. Disponível em [http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO\\_EMPATIA\\_v6\\_dupla.pdf](http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO_EMPATIA_v6_dupla.pdf) Acesso em 04 de março de 2018.

CUPERTINO, Maria Amélia M. Empatia na Discórdia. In: A Importância da empatia na Educação. Disponível em [http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO\\_EMPATIA\\_v6\\_dupla.pdf](http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO_EMPATIA_v6_dupla.pdf) Acesso em 04 de março de 2018.

DELORS, Jacques (Coord.). Os quatro pilares da educação. In: *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 2003

Emmons, R.(2009). T Is Spirituality an Intelligence? Motivation, Cognition, and the Psychology of Ultimate Concern. *International Journal for the Psychology of Religion*, 10 (1);

MARCONI. M. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1999.

MILL, Daniel. Sobre o conceito de polidocência ou sobre a natureza do processo de trabalho pedagógico na Educação a Distância. In: MILL, Daniel; RIBEIRO, Luis Roberto de Camargo; OLIVEIRA, Márcia Rosenfeld Gomes de. *Polidocência na educação a distância: múltiplos enfoques*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2010.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MITRE, S. M.i; SIQUEIRA-BATISTA, R.; GIRARDIDE MENDONÇA, J. M.; MORAIS-PINTO, N. M.; MEIRELLES, C.A.B.; PINTO-PORTO, C.; MOREIRA, T.; HOFFMANN, L. M. Al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232008000900018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000900018) Acesso em: 25 de fevereiro de 2018.

MORAN, J.M. Metodologias Inovadoras com Tecnologias. Entrevista a João Matar. Disponível em: . Acesso em: 13 abr. 2014.

Morris, J. (2005). Bringing humility to leadership: Antecedents and consequences of leader humility. *Human Relations*, 58(10), 1323-1350. doi:10.1177/0018726705059929.

MOURA, Eloísa Silva. Professores de Língua Portuguesa: trajetórias e perspectivas de uma formação. Dissertação de Mestrado. UNISINOS, 2002.

OLMOS, Ana. Empatia: algumas reflexões. In: A Importância da empatia na Educação. Disponível em [http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO\\_EMPATIA\\_v6\\_dupla.pdf](http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO_EMPATIA_v6_dupla.pdf) Acesso em 04 de março de 2018.

ONASAYO, Claudemir Figueiredo Pessoa. Fatores obstacularizadores na implementação da Lei 10.639-03 na perspectiva do\as professores\as das escolas públicas estaduais do município de Almirante Tamandaré- PR. Dissertação de Mestrado. UFPR, 2008.

OWENS, B. P., ROWATT, W. C., & WILKINS, A. L. (2012). Exploring the relevance and implications of humility in organizations. In K. Cameron & G. Spreitzer (Eds.), *Handbook of Positive Organizational Scholarship*, 260-272. New York: Oxford University Press.

PRADO, M. E. B. B. Articulações entre áreas do conhecimento e tecnologia. Articulando saberes e transformando a prática. In: Portal MEC. *Tecnologia, currículo e projeto*, 2013.

Disponível em:  
[http://www.virtual.ufc.br/cursouca/modulo\\_4\\_projetos/conteudo/unidade\\_1/Eixo1-Texto12.pdf](http://www.virtual.ufc.br/cursouca/modulo_4_projetos/conteudo/unidade_1/Eixo1-Texto12.pdf). Acesso em 11 fev 2018

ROCHA, Enilton Ferreira. Metodologias Ativas: um desafio além das quatro paredes da sala de aula. Disponível em:  
<[http://www.abed.org.br/arquivos/Metodologias\\_Ativas\\_alem\\_da\\_sala\\_de\\_aula\\_Enilton\\_Roch\\_a.pdf](http://www.abed.org.br/arquivos/Metodologias_Ativas_alem_da_sala_de_aula_Enilton_Roch_a.pdf)>. Acesso em: 24 de julho de 2017.

SALES, Marcea Andrade. Arquitetura do desejo de aprender: autoria docente em debate. Tese de Doutorado. UFBA, 2009.

SILVA, A. C. R. Educação a Distância e o seu Grande Desafio: o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem. Disponível em  
<<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/012-tc-a2.htm>>. Acesso em 19/06/2017

SILVA, Marco. Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

THIOLLENT. Michel. Metodologia da Pesquisa - ação: Coleção "Temas básicos de ...", T. Cortez Editora. São Paulo. 1985.